

## **COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura  
Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Juliana Moraes de Souza

**APRENDIZAGEM COOPERATIVA EM GEOGRAFIA:**  
Uma proposta de atividade para a educação básica

Rio de Janeiro  
2022



Juliana Moraes de Souza

**APRENDIZAGEM COOPERATIVA EM GEOGRAFIA:**

Uma proposta de atividade para a educação básica

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Geografia, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Orientador: Professor Dr. Marcos Rodrigues Ornelas de Lima

Rio de Janeiro  
2022

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

S729 Souza, Juliana Moraes de  
Aprendizagem cooperativa em geografia: uma proposta de atividade para a educação básica / Juliana Moraes de Souza. - Rio de Janeiro, 2022.  
29 f.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.  
Orientador: Marcos Rodrigues Ornelas de Lima.  
1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Aprendizagem cooperativa. 3. Habilidade social. 4. Inteligência emocional. I. Lima, Marcos Rodrigues Ornelas de. II. Colégio Pedro II. III Título.  
CDD 910

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Juliana Moraes de Souza

**APRENDIZAGEM COOPERATIVA EM GEOGRAFIA:**  
Uma proposta de atividade para a educação básica

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Geografia, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Marcos Rodrigues Ornelas de Lima (Orientador)  
Colégio Pedro II

---

Prof. M. Marcus Vinícius Gomes  
Colégio Pedro II

---

Prof. Dr. Lincoln Tavares Silva  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro  
2022

**APRENDIZAGEM COOPERATIVA EM GEOGRAFIA:**  
Uma proposta de atividade para a educação básica

Juliana Moraes de Souza

**Resumo:** O artigo em questão tem como objetivo refletir sobre as potencialidades da metodologia de ensino denominada Aprendizagem Cooperativa que, dentre os seus elementos, conta com uma interação promotora, motivada em grande parte pela maneira como os alunos se dispõem na sala de aula. Nesse sentido, tornam-se de grande valia as reflexões inerentes à Geografia da Educação, que busca analisar a geograficidade dos fenômenos educacionais, inclusive na sala de aula. Com base em uma atividade prática desenvolvida nos anos finais do ensino fundamental são feitas considerações a partir da própria percepção dos estudantes, tanto no âmbito do conhecimento adquirido quanto na esfera socioemocional.

**Palavras-chave:** Aprendizagem Cooperativa. Geografia da Educação. Habilidades socioemocionais.

## 1. INTRODUÇÃO

Duzentos dias letivos e carga horária de oitocentas horas: este é o tempo mínimo a ser cumprido pelos estudantes da Educação Básica, ou seja, o tempo em que o aluno está inserido em atividades escolares. Se pensarmos menos formalmente, observa-se que as crianças e adolescentes estão, ao menos, cinco horas por dia em cinco dias da semana em sala de aula, sem contar aqueles que cumprem horário integral. Apesar de todas as mudanças que o ambiente escolar já passou e ainda vem passando, ainda permanece, em geral, um modelo de ensino espacialmente tradicional, muito pautado na figura do professor e com uma organização espacial que reforça este protagonismo: cadeiras enfileiradas de frente para a lousa e com turmas, muitas vezes, cheias e com pouco espaço para transformações nessa organização.

A força do ensino tradicional vem, em grande parte, do entendimento de que o aprendizado está ligado à necessidade de “conteúdo”. Infelizmente, a relevância deste conteúdo costuma ser medida pelo excesso de informações apresentadas, logo, a qualidade da aula, também passa por este critério: quanto mais informações escritas no quadro, melhor. Quanto mais textos lidos, melhor. Quanto mais trechos sublinhados na apostila, melhor. Quanto mais exercícios feitos, melhor. Assim, é parte importante desse trabalho apresentar possibilidades de transformações que aconteçam nos tempos de aula possíveis, no espaço da sala de aula. Mudanças que mostrem a possibilidade de o aluno ressignificar a escola, a sala de aula, o conteúdo de cada aula e sua relação entre pares.

Nesse contexto, salta aos olhos o papel da Aprendizagem Cooperativa (AC).

Trata-se de uma metodologia que parte da organização de pequenos grupos heterogêneos, em que os alunos desempenham diferentes papéis e trabalham de forma conjunta e coordenada, com a intenção de resolver tarefas e de aprofundar sua aprendizagem. Nesses grupos, os estudantes aprendem com seus pares, compartilham ideias, confrontam diferentes pontos de vista, esclarecem dúvidas e constroem novos saberes, visando a atingir um objetivo em comum ao grupo, pois compreendem que só terão êxito, se todos do grupo também o tiverem. (LOPES; SILVA, 2008, 2009; ZARIQUIEY, 2015 apud de Morais et al 2021.).

Assim, torna-se possível nesta metodologia a mudança da percepção do que seja um trabalho em grupo. Pessoalmente, as experiências vividas a partir de aulas no ensino fundamental e médio da rede privada, principalmente nos últimos cinco anos, vêm demonstrando que, não raro, há alunos que optam por trabalhos individuais, justamente pela

forma como trabalhos em grupos são conduzidos: um aluno traz para si maior responsabilidade, muitas vezes fazendo o trabalho sozinho e/ou cada aluno exerce uma função e, ao final, juntam suas partes, sem que, de fato, houvesse um exercício em grupo. Desta maneira, mostra-se fundamental ressaltar a necessidade de pensar estratégias, metodologias e trabalhos que atentem para a necessidade de cada indivíduo, assim como que consigam focar na relação de cada um com os seus colegas de turma. A sala de aula é um “laboratório” de muitas experiências sociais que serão vividas ao longo da vida fora dos muros da escola e conseguir desenvolver maneiras de aprender em grupo, de ajudar o outro e se ajudar no convívio social, desenvolvendo um olhar respeitoso diante da diversidade e heterogeneidade de grupos que convivem, é de suma importância pessoal e social.

Assim, esse trabalho busca apresentar uma metodologia ativa de ensino que conta com importantes contribuições da Geografia da Educação (GdE), enquanto campo da ciência que busca estudar o viés espacial nos locais de aprendizagem, na medida em que a flexibilidade na organização das cadeiras e das mesas, bem como no agrupamento dos alunos, é essencial para proporcionar uma aprendizagem cooperativa, o apoio entre pares e a apresentação dos conteúdos a todos os elementos da aula (RICHARDSON, 1997 apud TEIXEIRA e REIS, 2012). Considerando que a Aprendizagem Cooperativa pressupõe trabalho em grupo, observa-se aqui uma grande oportunidade de explorar a GdE, tendo em vista que a dimensão espacial é primordial para que os estudantes se entendam como corpos que ocupam espaços e que a forma como se dispõe nestes espaços afeta diretamente a maneira como se relacionam. Como exemplo, destaca-se a mudança gerada na maneira como dialogam quando estão sentados de frente uns para os outros e não enfileirados. Assim, nesta pesquisa, será pensada com maior aprofundamento a geografia dos locais de aprendizagem, pensando nos níveis escalares para pesquisas em Geografia da Educação, conforme Taylor (2011), a ser aprofundado mais adiante.

A metodologia de pesquisa para este artigo envolve o debate teórico-conceitual cujo aporte baseia-se em pesquisas sobre a própria Aprendizagem Cooperativa e sobre as contribuições da Geografia para esta metodologia, principalmente a partir do conceito de espaço relacional e das análises próprias da Geografia da Educação. Posteriormente, objetiva-se apresentar uma atividade prática que mostra possibilidades de utilização dos elementos da Aprendizagem Cooperativa e que foi desenvolvida em uma turma de nono ano do ensino fundamental de uma escola privada de Niterói/RJ. Além da exposição de como a atividade foi pensada para acontecer, também serão discutidos os seus resultados e possíveis

questionamentos e reflexões para trabalhos futuros, a partir de recursos digitais que contaram com a interação dos estudantes e suas percepções sobre a atividade em si.

A reflexão proposta aqui, portanto, é que a maneira como os alunos percebem o desenvolvimento do conteúdo em sala de aula pode ser transformado a partir da Aprendizagem Cooperativa e este é o principal ponto a ser trabalhado nesta pesquisa: como a organização da sala de aula pode ajudar a transformar as interações e mostrar as potencialidades para a cooperação entre os alunos e para a sua aprendizagem. De maneira secundária, busca-se pensar como transformar a percepção do aluno quanto ao espaço da sala de aula e como é possível fazê-lo entender que sentar junto ao colega na sala de aula está longe de significar um trabalho, de fato, cooperativo e em grupo.

A necessidade de transformação da maneira como a interação entre os alunos ocorre em sala de aula, explorando as possibilidades da Geografia da Educação, é a força que move esta pesquisa entendendo que pode ser de grande valia para professores que enxergam suas aulas como momento de oportunidade de crescimento pessoal e amadurecimento emocional, trazendo novas maneiras de perceber o convívio na escola. Muitos dos alunos vêem os seus pares como aqueles que irão julgar suas dúvidas, estimulando sentimentos de medo, aflição e/ou inferioridade. Por outro lado, só percebem a cooperação quando surgem propostas de trabalho em grupo, o que nem sempre, de fato, estimula o grupo a trabalhar junto e cooperar.

Assim, propõe-se aqui desenvolver a ideia de grupo enquanto fortalecedor das habilidades individuais, mas também contribuindo para a cooperação entre todos os envolvidos levando a pensar a geograficidade da sala de aula, ou seja, entendendo-a como uma condição espacial para as relações que ali se desenvolvam, mudando a maneira como este espaço é visto e estimulando no aluno a vontade de explorá-lo de maneira que esse se torne para ele um lugar, um espaço de afeto.

## **2. APRENDIZAGEM COOPERATIVA NA ESCOLA**

O ensino tradicional, presente em grande parte das escolas atualmente, é conhecido por apresentar uma metodologia cuja centralidade está no professor, onde esse é considerado o detentor do conhecimento e responsável por ensiná-lo aos estudantes que, em geral, encontram-se dispostos em fileiras de frente para a lousa, onde, não raro, dispõe-se um tablado, local “fixo” do professor. Esta maneira de organização da sala de aula, com predomínio de aulas expositivas, tende a contribuir para um processo de ensino-aprendizagem pouco pautado na visão de um professor que também está ali como alguém aberto para

aprender e longe de ser detentor de verdades e do conteúdo. Assim, esse modelo permanece estabelecendo uma hierarquia na relação entre professor e estudante. Além disso, considerando a celeridade dos tempos atuais e a rapidez no acesso à informação, este modelo de ensino passa a apresentar fragilidades, já que dados, notícias, números e todo tipo de informação são acessados em um único clique ou um comando de voz. Desta maneira, considera-se necessário reforçar aqui algumas reflexões a respeito do espaço escolar e daquilo que se espera para o momento de uma aula.

Ao considerar a escola como um espaço torna-se fundamental enxergá-la como “palco” das relações, mas também, como afirmam Serra, Rocha e Marques (2019), uma construção permanente, um produto de relações de diversas ordens, que se manifestam nas suas formas, nas suas dinâmicas, nos seus fluxos, nas suas estruturas físicas e simbolismos. A formação de um ser humano, de uma criança que se tornará um adulto cuja boa parte da vida ocorreu no espaço de ambientes escolares, vai muito além de ser estudante, logo, é importante que a escola construa laços, vivências, reflexões, interesses, amizades, curiosidades e conhecimento que vão além da ideia de conteúdo. Cabe aqui a interessante análise de Marques (2013) ao afirmar que:

O espaço é concebido como acessório ao fluxo. Ele se torna por essa lógica, nada mais do que uma forma onde se processam fenômenos temporais. É o ‘espaço’ da escola e o ‘horário’ (tempo apreendido, medido) de aula. É o ‘calendário’ escolar. É a ‘idade’ escolar: a escola confecciona o sujeito pela temporalidade. As preocupações com a correção de fluxo, ou com as reprovações, são hoje maiores do que as atenções dadas, por exemplo, às condições materiais e dos equipamentos.

Esta análise, ao mostrar o espaço como acessório ao fluxo e ao tempo, nos faz perceber como, muitas vezes, tanto o professor quanto o aluno se preparam e criam expectativas para determinados “tempos de aula”, como a rotina escolar é moldada por tempos de aula x tempos de intervalo e como a vida escolar de muitas pessoas foi, e ainda é, pautada em cumprir as obrigações (presença e avaliações, em geral) para alcançar o diploma. A partir desta maneira de pensar e viver a sala de aula, pouco se abre para vivenciá-la, de fato, enquanto espaço e, assim, observa-se como a Geografia da Educação se torna um importante ramo de estudo para aprimorar análises que envolvam a compreensão da criança como um ser espacial, inclusive na sala de aula, sendo esta um recorte do espaço escolar. Foi notando que a construção social da infância era inerentemente “geográfica”, não só do ponto de vista cognitivo-espacial, mas também pela preponderância dos espaços no desenvolvimento

infantil, que os geógrafos passaram a construir investigações diversas sobre as significações da espacialidade para as crianças (SERRA e GOMES, 2019).

Partindo da compreensão a respeito da importância dos espaços no desenvolvimento infantil, é possível defender que as condições materiais e de equipamentos citadas acima, por mais importantes que sejam na construção de um bom ambiente de trabalho, não são pré-requisito indispensável para trabalhar cooperativamente, especialmente se pensarmos ainda na força das metodologias ativas ultimamente. A partir da compreensão de Fonseca (2021), sintetizando as contribuições de Berbel (2011), Moran (2015), Diesel et al.(2017), Rocha e Lemos (2014), Alves et al (2018) e Pischetola e Miranda (2019), entende-se por metodologia ativa aquela que tem como estratégia de ensino colocar o estudante como indivíduo ativo e protagonista da construção do conhecimento. Desta maneira, por mais que seja um interessante aliado na prática pedagógica, estes recursos tecnológicos não são o ponto central do processo de aprendizagem.

É no contexto desta análise que surgiu a motivação para aprofundar os estudos relativos à Aprendizagem Cooperativa (AC). Esta metodologia consegue, de inúmeras formas, envolver e trabalhar dois dos principais desafios vivenciados no contexto da sala de aula: os relacionamentos aluno-aluno/aluno-professor e o envolvimento do estudante nas atividades propostas a partir do desenvolvimento de conteúdos de maneira significativa para os alunos, colocando-o no centro do processo de ensino-aprendizagem. O trabalho a partir dos elementos propostos pela AC pressupõe a formação de pequenos grupos e trabalha uma mudança na visão que se tem do professor por transformar a hierarquização das funções com que estão habituados em sala de aula.

Inúmeras são as teorias que fundamentam a Aprendizagem Cooperativa, como a Teoria Sociocultural de Vygotsky, a Psicologia Humanista de Rogers, a Teoria Genética de Piaget e a Escola de Psicologia Social de Genebra, a Teoria da Interdependência Social dos irmãos Johnson, a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner e a Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel (NEGRO; TORREGO; ZARIQUIEY, 2012 apud MORAIS et al, 2021). Não adentraremos em particularidades de cada uma destas em sua relação com a AC neste momento, mas sim, buscamos aqui ressaltar todo o embasamento psicopedagógico e social existente para esta metodologia de ensino e, principalmente, trazer proposições que substanciem o quão intrínseca a Geografia da Educação está nas práticas da Aprendizagem Cooperativa e como os seus pilares podem contribuir de maneira significativa para melhorias nas relações interpessoais e na participação intencional dos estudantes nas atividades propostas, a partir de objetivos claros e bem definidos.

Nesse contexto, também cabe aqui reforçar a convicção de que concordamos com pesquisadores como Simone Lucena e Tiago Fonseca<sup>1</sup>, a respeito da utilização de metodologias ativas em atividades pedagógicas. Não se trata de recursos com fim em si mesmo, muito menos uma “receita de bolo” a ser aplicada em quaisquer circunstâncias e com potencial para resolver qualquer “problema” da sala de aula. Atividades cooperativas, na escola ou fora dela, precisam ser bem delineadas, precisam funcionar como uma engrenagem, entendendo a importância de definir um começo, meio e fim e deixando claro para os envolvidos aquilo que se espera que aconteça, estando alinhado, no caso do espaço escolar, com a proposta pedagógica em questão. Nesse sentido, a Aprendizagem Cooperativa conta com cinco elementos essenciais que levarão a um bom funcionamento das atividades propostas. São eles: responsabilidade individual, interdependência positiva, competências interpessoais, interação promotora e processamento de grupo. Suas características estão melhor apresentadas na tabela abaixo:

### 2.1 Elementos da Aprendizagem Cooperativa e suas principais características

Responsabilidade Individual	É a determinação de uma atividade específica para cada estudante que irá reforçar a importância de cada pessoa no processo como um todo. É ainda nesta etapa que se perceberá a diferença entre “sentar em grupo” e “trabalhar em grupo”. Este momento dificulta a existência de alunos que fogem das responsabilidades e/ou que se apóiam em outros alunos, além de ser difícil também para os alunos que gostam de centralizar todo o trabalho em si.
-----------------------------	---

<sup>1</sup> LUCENA, S. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. Educar em revista, v.32, n.59 (2016). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/43689>

FONSECA, T. A inserção das metodologias ativas em práticas pedagógicas da geografia no ensino fundamental II: alguns pontos para reflexão. 2019.

Interdependência positiva	<p>Objetiva gerar a percepção de que trabalhando em grupo de maneira cooperativa, todos dependem de todos. Este momento é de grande valorização do indivíduo na construção do todo e um grande fator motivacional para o processo de aprendizagem. Aqui, o aluno não tem para onde fugir, ele perceberá que se não fizer sua parte, o trabalho como um todo não fluirá. Esta interdependência pode vir de finalidades, de recompensa/celebração, de tarefas, de recursos ou de papéis (PUJOLÁS, 2001 apud FIRMIANO, 2011)</p>
Competências interpessoais	<p>O ensino a partir da Aprendizagem Cooperativa envolve o aluno e o professor que são, antes de tudo, seres humanos. A realidade na escola é formada por muito daquilo que acontece fora da escola, no ambiente familiar, nos esportes praticados, no ambiente religioso, nas mais variadas formas de lazer e também a partir de realidades variadas em relação a dinheiro, estrutura familiar, disponibilidade de recursos, diálogo, amizades. Não é possível dissociar a sala de aula daquilo que acontece fora dela. Assim, pensar atividades que envolvam habilidades de compreensão, empatia, argumentação, escuta ativa, diálogo e respeito à diversidade é fundamental para o bom funcionamento de exercícios que coloquem os envolvidos em uma mesma linha de importância.</p>
Interação Promotora	<p>Considerando que a interação entre os estudantes já acontece com frequência no ambiente escolar, esse elemento busca garantir que no desenrolar das atividades propostas, esta aconteça de maneira a promover um olhar de sinceridade e respeito pelo outro e sua história. Por isso, é inclusive um ponto importante desta metodologia que os alunos se disponham de frente uns para os outros, fortalecendo positivamente os vínculos existentes.</p>

U

Nesse momento, é importante que seja feita uma avaliação pelos grupos a respeito do desenvolvimento da atividade, finalizando o ciclo e fazendo um balanço de seu funcionamento e daquilo que foi alcançado em relação ao aprendizado. É importante que esse processo esteja presente constantemente em cada atividade, reforçando a importância do diálogo a respeito daquilo que foi proveitoso e do que pode ser melhorado tanto em relação ao trabalho em si como no que diz respeito ao relacionamento entre os integrantes do grupo.

Fonte: Elaboração da autora a partir de FIRMIANO, 2011.

Estes elementos, considerados essenciais para a Aprendizagem Cooperativa, sendo feitos de maneira clara e organizada buscam contribuir para a construção de um ambiente escolar promotor de diálogo, trabalho em equipe, maior motivação e autoestima, responsabilidade, garantia de voz aos estudantes e construção conjunta dos conhecimentos inerentes a cada disciplina escolar. Assim, para além das vantagens sociais, emocionais e psicológicas, é possível contar com a contribuição da Geografia da Educação para entender como a geograficidade na sala de aula é parte inerente desse processo.

### **3. AS CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA DA EDUCAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM COOPERATIVA**

São inúmeros os campos do conhecimento que podem apropriar-se das discussões acerca da Aprendizagem Cooperativa, especialmente se forem consideradas as variadas nuances que envolvem a organização, os aspectos socioemocionais e a relação com os espaços de aprendizagem, que são abraçadas por esta metodologia. Para este artigo, tem-se como referência as contribuições da Geografia e, dentro dela, da Geografia da Educação, um campo ainda em desenvolvimento nos estudos brasileiros e que vem se consolidando cada vez mais, abrindo espaços para pesquisas, como esta, que é bastante analisada do ponto de vista da Psicologia ou Pedagogia, mas pouco associada aos estudos da Geografia.

Uma primeira reflexão possível de ser feita no contexto da Geografia diz respeito ao que estamos nos referindo quando falamos sobre o espaço da sala de aula ou o espaço da

escola. Para o nosso objetivo específico de apresentar uma atividade desenvolvida no interior da sala de aula, nos ateremos a este espaço. David Harvey (2012) traz uma contribuição importante para esta análise ao explicitar a noção de espaço relacional. Para o autor, a visão relacional do espaço sustenta que não há tais coisas como espaço ou tempo fora dos processos que os definem e tais processos não ocorrem no espaço, mas definem o seu próprio quadro espacial.

Nessa mesma direção, também pode-se considerar que o modelo relacional de espaço abraça o próprio ato de constituir espaços, onde o foco muda do espaço como ponto de referência material para a constituição de espaços no contexto dos processos sociais. Há, portanto, uma mudança do produto para o processo (RILER, BOSSEN e BLASSE, 2014, p.147, tradução nossa)<sup>2</sup>. E, ainda, é de grande significado para este artigo, a contribuição de Schroer (2008 apud Riler, Bossen e Blasse, 2014) ao afirmar que, ao contrário do modelo de espaço absoluto, o conceito de espaço relacional enfatiza os aspectos criativos na construção do espaço a partir de práticas sociais.<sup>3</sup>

Partindo das análises dos autores supracitados, objetiva-se aqui utilizá-las como embasamento para a compreensão dos espaços de salas de aula enquanto locais de produção de conhecimento, trocas culturais, afeto, vivências e aprendizado para além de uma visão estática e pré-determinada da sala de aula. Desta maneira, a utilização da Aprendizagem Cooperativa, enquanto metodologia que pressupõe rearranjos no agrupamento de alunos e flexibilidade na colocação de cadeiras e mesas, se mostra mais estimuladora para a criatividade de professores e estudantes, já que, por si só, tira o foco central de somente uma pessoa (o professor). Por outro lado, tal reorganização permite maior abertura para as trocas de conhecimento entre os alunos, que estarão em grupos menores, deixando-os mais à vontade para ouvir e serem ouvidos, ajudarem e serem ajudados.

Desta maneira, é inevitável refletir sobre toda a heterogeneidade presente na sociedade e, por conseguinte, na escola, que, muitas vezes, se torna apagada ou minimizada nas práticas em salas de aula que seguem modelos tradicionais. No entanto, não é nosso objetivo aqui defender o fim do tradicionalismo enquanto modelo educacional, mas entender que, dentro deste modelo, existem possibilidades de transformação possíveis e reais, que dão o tão

---

<sup>2</sup> “By contrast, the act of constituting spaces lies at the heart of the relational spatial model. The focus shifts from space seen as a material reference point to the constitution of spaces in the context of social processes. Put simply: the shift is from product to production.” (RILER, BOSSEN e BLASSE, 2014)

<sup>3</sup> In contrast to absolute models, relational concepts emphasize the creative aspects in the construction of space via social practices (SCHROER, 2008).

defendido protagonismo aos estudantes. Assim, pensar na própria percepção de espaço enquanto resultante de práticas e processos sociais é pensar que, mesmo em uma microescala, a sala de aula, deve-se haver tempo, método e clareza para que se concretize aquilo que pode levar a sala de aula a um espaço de dinamismo, fluidez e autonomia na construção social, cultural, política e crítica do estudante.

Nesse sentido e mais profundamente ligada aos arranjos organizacionais da sala de aula, são de grande valia as contribuições da Geografia da Educação. De acordo com Serra e Gomes (2019), a Geografia da Educação começou a ser mais amplamente estudada e difundida na Grã Bretanha, na segunda metade do século XX, apesar de seus estudos ainda não serem, à época, definidos por este nome. Tratava-se inicialmente de estudos e pesquisa que traziam a vertente espacial nos estudos sociais. Com o passar dos anos, os geógrafos foram assumindo o seu lugar enquanto pesquisadores que, de fato, detêm forte base teórica para análises espaciais. Assim, pode-se afirmar que o trabalho de Colin Brock (1992) foi um importante ponto de partida para que se consolidasse a visão geográfica nos trabalhos educacionais em que se reconhecesse a importância da escala espacial em suas análises. Este geógrafo buscou em sua escrita apontar a diversidade de trabalhos, nos mais variados campos de análise, em que existia a influência da Geografia, ou seja, em que aparecesse o fator espaço nas experiências educacionais.

Além desta contribuição, destaca-se aqui a análise de Taylor (2011 apud Serra e Gomes, 2019) que aponta para a existência de, no mínimo, quatro níveis escalares para pesquisas em Geografia da Educação:

(a) uma geografia dos locais de aprendizagem, que diz respeito a temas como a “geografia da sala de aula”, a “geografia da escola”, a “geografia das crianças e os seus espaços” e a “geografia da acessibilidade e inclusão na escola”; (b) comunidade de alunos / bairro, o que inclui desde pesquisas que podem tratar do papel educativo do bairro, por exemplo, a outras que retomam a tradição sociológica da relação escola-entorno; (c) região local, na qual os trabalhos que operam sob essa lógica atentam-se, especialmente, ao papel dos governos locais na oferta educacional e suas diferenciações segundo o espaço; (d) internacional, nível escalar em que a abordagem geográfica comparada, tal como aquela desenvolvida por Colin Brock, atenderia pelas suas principais preocupações.

A atividade desenvolvida neste artigo, a ser apresentada mais a frente, insere-se no primeiro nível, relativo à geografia das crianças e seus espaços. Os espaços de aprendizagem, que não se resumem à sala de aula, apresentam características singulares e/ou permitem

disposições de alunos e materiais, que podem contribuir para a imersão em diferentes modalidades de atividades que não se limitem à aula expositiva. Ao levar as crianças e adolescentes para pátios e quadras, por exemplo, têm-se as próprias linhas demarcadas no chão (geralmente voltadas para a prática de Educação Física) contribuindo para o aprendizado sobre o conceito de território, em jogos como pique-bandeira, e ao trabalhar projetos que envolvam a construção de murais na escola, dá-se nova vida à noção de corredores somente como espaços de passagem dos que circulam pela escola.

Desta maneira, ao pensar em Aprendizagem Cooperativa e considerando o valor que esta dá à disposição dos alunos frente a frente aos seus pares, entende-se aqui uma forte presença da Geografia da Educação para a compreensão do papel que a organização do espaço assume nesta metodologia. Serra e Gomes (2019) afirmam que,

Trata-se a GdE de um campo da Geografia, em interface com a Educação, que tem por característica a reunião de temáticas aparentemente preocupadas em responder sobre os porquês que envolvem a localização de práticas, objetos e arranjos relativos à educação, seja qual for a sua modalidade –formal ou não formal –, considerando os seus respectivos efeitos dentro da rede na qual esses elementos estão inseridos.

Por conseguinte, este campo do conhecimento traz à luz possíveis discussões a respeito da forma como o mobiliário e os estudantes são dispostos/se dispõem na sala de aula. O espaço escolar pressupõe, via de regra, um espaço de interações, de trocas, de encontros. Os corredores, o pátio, a quadra, os equipamentos para jogos, a cantina. Todos estes espaços são de diálogo espontâneo. Então, por que a sala de aula precisa ser o espaço do silêncio para ouvir somente o professor ou da fala somente quando autorizado? É claro que qualquer diálogo minimamente organizado pressupõe o saber a hora de falar e a hora de ouvir, mas se tratando de crianças e adolescentes, esta organização engessada se torna difícil, especialmente quando se consideram tempos seguidos de aula que, muitas vezes, totalizam mais de duas horas focados na fala do professor.

Assim, é interessante estimular movimentos de tornar a sala de aula um espaço próprio de trocas mais horizontais, menos regulamentadas e com mais liberdade, mesmo que haja mais regras. Parece contraditório, mas explico: a Aprendizagem Cooperativa, em um de seus elementos, trabalha com a responsabilidade individual. Para isso, existem inúmeras possibilidades, inclusive, definindo funções claras para os integrantes de cada grupo (um guardião do tempo, outro do silêncio, um coordenador, dentre outras possibilidades). Ora, sob

essa ótica, são apresentadas mais regras, funções, tempo cronometrado, muitas vezes. No entanto, os estudantes serão inseridos em uma lógica de estudos onde, dentro de objetivos bem claros e pré-determinados, eles estarão mais livres para apresentar ideias, debater, argumentar, ouvir, enfim, dialogar com seus pares.

A interação e a ajuda mútua são pontos fortes da Aprendizagem Cooperativa e não estão isoladas da geograficidade da própria sala de aula. Assim, é possível questionar o papel da espacialidade nas questões educacionais (GOMES, 2020), entendendo que o processo de ensino-aprendizagem passa pelo desenvolvimento de habilidades e competências tanto do professor quanto do aluno e que essas são melhor entendidas quando a organização dos espaços foge de fileiras direcionadas para o quadro, exceto nos momentos em que alguma exposição de conteúdo é feita, o que não precisa ser pensado para acontecer em todos os momentos da aula.

#### **4. APRENDIZAGEM COOPERATIVA EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA**

Considerando a necessidade de pensar as inúmeras possibilidades de reflexões relativas à prática pedagógica apoiada na Aprendizagem Cooperativa, este artigo traz a apresentação de uma atividade pensada e proposta para os anos finais do ensino fundamental e realizada, especificamente, com vinte e sete alunos do nono ano de classe média, majoritariamente brancos e com acesso facilitado a dispositivos móveis em uma escola da rede privada do bairro de Piratininga, município de Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

Nos planos iniciais deste trabalho foi pensada a importância de realizar a atividade considerando os desafios do ensino híbrido, que se tornou vigente em abril de 2021, em decorrência da pandemia da COVID-19, quando parte dos alunos estavam na escola e outra parte assistia às aulas de maneira síncrona, em casa. No entanto, a partir do segundo semestre as flexibilizações quanto ao número de estudantes em sala de aula foram aumentando, respaldadas pelos devidos órgãos de saúde, afetando assim nossa proposta inicial.

Antes de apresentarmos a proposta de atividade, cabe ainda retomar os principais elementos presentes em uma aula que envolva o cooperativismo esperado: Responsabilidade individual, Interdependência positiva, Interação promotora, Habilidades sociais e Processamento de grupo. Tais nomenclaturas podem variar, apesar do objetivo ser bem delimitado.

Em primeiro lugar, esta atividade foi pensada para dois tempos de quarenta e cinco minutos cada, totalizando uma hora e meia de aula. Inicialmente, foi feita uma exposição sobre o conteúdo que, na verdade, relembra alguns aspectos do assunto (Globalização), que já havia sido trabalhado em outra aula na semana. Optou-se por uma revisão inicial, mas poderia ser tranquilamente a exposição de um novo conteúdo. Em seguida, os alunos dividiram-se em duplas.

As duplas foram formadas de maneira aleatória, a partir de um sorteio: em um recipiente havia papéis dobrados com números. Cada número aparece duas vezes no recipiente. Assim, os estudantes precisavam tirar o seu papel, ver seu número e achar a sua dupla. Após as duplas terem sido formadas, eles precisavam sentar juntos. Naturalmente, dispunham as cadeiras lado a lado, mas foi pedido que se dispusessem frente a frente e assim foi feito. Os alunos cujas duplas estavam online, fizeram o trabalho pelo aplicativo *Whatsapp*.

Posteriormente, há um valioso momento de preparação para o trabalho em equipe. Geralmente, quando estas atividades acontecem no início do ano letivo ou em turmas em que há pouca interação, pode ser interessante dar início a um momento sobre histórias de vida ou ainda sobre gratidão, por exemplo. É importante atentar para que este momento seja de maior afetividade e abertura emocional entre os estudantes, porém, considerando as diversas realidades sociais e domésticas existentes, há uma linha tênue entre este objetivo e a possibilidade de que este momento se transforme em alguma lembrança ruim para algum aluno. Saber medir e mediar este aspecto são uma importante função do professor.

Nesta turma, por uma questão de tempo e considerando que não apresentam muitos conflitos, mas são muito agitados, foi uma opção interessante considerar outra preparação: a definição bem clara e por escrito das funções. Assim, trabalhamos com o contrato de cooperação (anexo 1).

Neste documento, além de terem que pensar e escrever o que é fundamental para o bom desempenho do trabalho e para um bom relacionamento entre os participantes, os alunos deveriam definir um coordenador e guardião do silêncio e um relator e guardião do tempo. Era importante que eles assinassem ao final.

Em seguida, os alunos receberam uma atividade individual a ser feita em dez minutos, que eles pediram a extensão para quinze, o que foi aceito. Foram colocados no quadro dois exercícios da apostila, um para cada estudante da dupla. Nesse momento, é importante que a postura do professor seja a de circular pela sala de aula, ouvindo-os, observando seus principais pontos de ansiedade e também direcionando os alunos a se sentirem tranquilos para

tirarem dúvidas com os seus pares, sob supervisão do professor. Ao final, cada aluno deveria explicar sua pergunta e resposta para a sua dupla.

Findada esta etapa, os alunos receberam uma atividade para fazerem juntos, em vinte minutos (anexo 2). O objetivo era que eles conseguissem associar alguns tópicos relacionados à globalização aos seus respectivos números, sendo eles: (1) Conceito de globalização; (2) Fatores que permitem a ocorrência da globalização; (3) Consequências da globalização. Propositamente, em um dos tópicos apresentados haveria uma possibilidade de associação a dois dos números supracitados, suscitando o debate. Neste momento, foi proposto que, ao gabaritarem, receberiam uma recompensa: chocolate e uma salva de palmas. A ideia de oferecer uma recompensa tem como objetivo estimular o aluno, aumentando sua autoestima e mostrando a importância de celebrar os momentos de êxito. Esta atividade foi corrigida conjuntamente e os alunos que captaram a dupla possibilidade de resposta explicaram suas justificativas.

Ao finalizarem, foi pedido que respondessem a “*feedbacks*” em duas plataformas com suas percepções a respeito do trabalho: A primeira, a partir de um QR code que os direcionava para a plataforma [www.mentimeter.com](http://www.mentimeter.com) onde se deparariam com o seguinte questionamento: em uma palavra, como você define a atividade baseada em Aprendizagem Cooperativa desenvolvida em sala de aula? A segunda, na plataforma [www.padlet.com](http://www.padlet.com), onde os estudantes veriam três abas com as seguintes expressões: Nesta atividade, foi positivo... ; Não gostei de...; Que tal se melhorarmos isso?

Assim, foram vivenciados experiências e momentos de trocas significativas tanto relativas ao conceito de globalização e suas consequências quanto referentes a habilidades sociais e emocionais que, intencionalmente, estavam sendo desenvolvidas, mesmo que talvez, para o aluno, não estivessem tão explícitas. Em seguida, apresentamos as principais reflexões e discussões possíveis a partir da atividade desenvolvida.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O desenvolvimento de uma atividade baseada na metodologia de Aprendizagem Cooperativa trouxe ânimo e revitalizou o ambiente da sala de aula no que diz respeito ao momento de diálogo sobre o conteúdo proposto para a aula: Globalização. Uma primeira grande observação, que geralmente surge nos momentos em que esta metodologia é inserida é o fato de se tornar muito mais perceptível para o professor quais são as dúvidas e dificuldades que o aluno sentiu. Isso acontece, pois o estudante tende a se abrir muito mais para exposição

de dúvidas estando em grupos menores e em situações em que todos os envolvidos estão engajados para a cooperação. Além disso, o fato de o professor estar diretamente próximo ao aluno minimiza a possível vergonha de tirar dúvidas diante de toda a turma.

Assim como costuma acontecer em qualquer atividade desenvolvida em grupo, esta também contou com uma resistência inicial a respeito da formação de duplas, pois, geralmente os alunos não se animam para trabalhar com quem não conhecem bem ou não são seus melhores amigos. Neste momento, é válido lembrar a importância daquilo que podemos chamar de pré-implantação da atividade cooperativa. As conversas prévias explicando claramente a atividade, um momento voltado para história de vida, uma atividade que envolva gratidão ou empatia são exemplos de como contribuir para que o aluno já forme as duplas estando mais aberto a trabalhar com o outro sem se importar com quem é esse outro.

Outra situação envolvendo a formação das duplas e que, neste caso, fugiu ao que seria ideal para a atividade diz respeito aos alunos que estavam online. Eram três estudantes assistindo a aula de maneira síncrona. Em todo o contexto de explicação dos objetivos e momentos da atividade, foram indagados se estavam ouvindo bem, se estava clara a proposta e se eles participariam, deixando claro que era uma aula normal, dentro do nosso planejamento. Duas alunas participaram e foi muito interessante ver que, de início os estudantes em sala estavam apreensivos quanto a ter uma dupla online. No entanto, as duplas formadas entre alunos de casa e alunos em sala de aula funcionaram super bem, construindo as respostas conjuntamente pelo *Whatsapp*, inclusive por áudios. Somente um aluno que estava online não respondeu em nenhum momento. Não disse se participaria da atividade e não respondeu mais, mesmo quando foi perguntado se ele estava ouvindo. Para este aluno, foi deixada uma atividade no quadro, que ele também não respondeu se faria, e seguiu em silêncio ao final, quando foi proposta a correção.

No decorrer da atividade proposta para desenvolver a responsabilidade individual, alguns estudantes que, ao longo do ano letivo, se mostraram mais preocupados com as opiniões alheias em relação ao seu nível de conhecimento, apresentaram receio de fazer a atividade individual e errarem. Ao sentirem que estavam com dúvidas, esperavam a proximidade da professora para dizer, baixinho, o que acreditavam ser a resposta. Nesses momentos, foram reforçadas as ideias de cooperação e diálogo com seu par e aos poucos, esses alunos foram entendendo o papel de suas duplas, que poderiam ajudá-los sem julgamento. Assim, fluiu com bastante tranquilidade este primeiro momento, sem correção da atividade conjuntamente, tendo em vista que foi possível estar com as treze duplas e ler/ouvir suas respostas. É importante pensar como esse momento contribui para a construção de

autonomia em relação à maneira própria de escrever de cada estudante. Muitas vezes eles ficam presos à espera da formulação de uma “melhor” resposta pelo professor e não se abrem a colocar no papel suas próprias palavras.

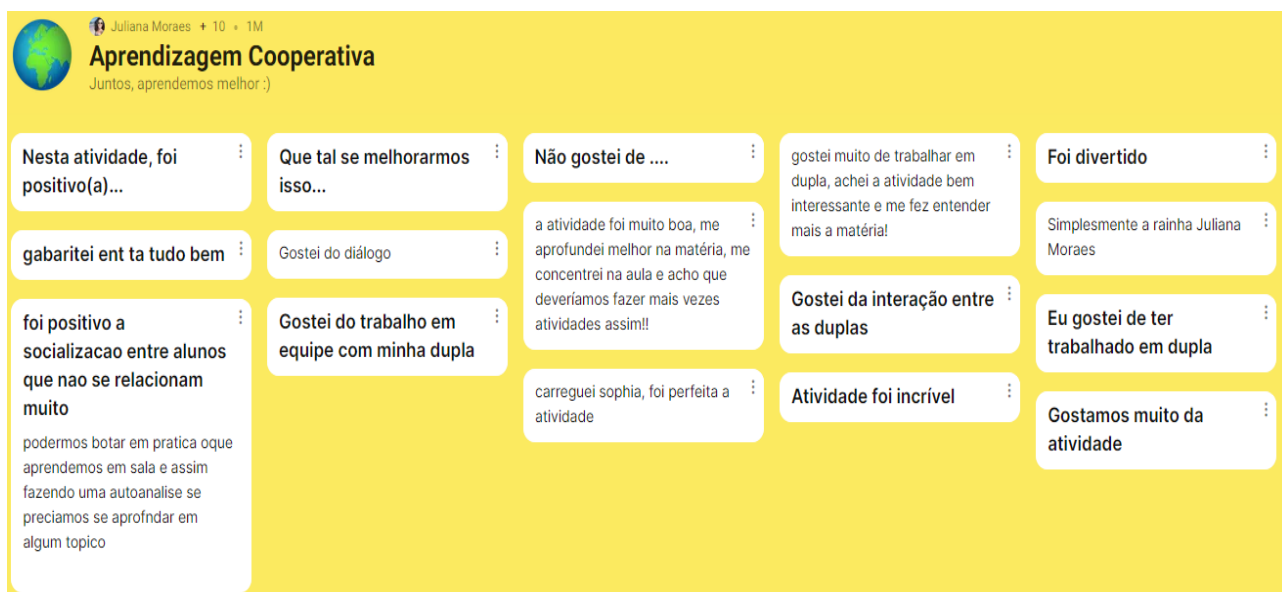
Ao seguir a atividade para aquela denominada “meta coletiva”, reforçando a necessidade de estabelecer uma interdependência positiva, os alunos receberam uma folha com o exercício a ser feito conjuntamente. Este exercício apresentava uma dupla possibilidade de resposta, o que começou a gerar questionamentos por parte de alguns estudantes. Foi muito interessante ver o quanto foi positivo para eles se depararem com uma certa dificuldade que envolvia o conteúdo ensinado e que eles pensaram juntos se tinha ou não um erro, justificando ainda aquilo que pensaram. Ao final, a atividade foi corrigida e, como recompensa, aplaudiram e os que acertaram ganharam uma barrinha de chocolate. Uma reflexão pessoal sempre feita nestes momentos da AC diz respeito à ideia de recompensar quem fez um bom trabalho. No entanto, vale reforçar aqui o que já foi dito anteriormente sobre fazê-los se sentirem inseridos, de fato, em uma lógica cooperativa, onde se consegue afastar julgamentos, preconceitos, hierarquias e valorizar o trabalho conjunto onde um dá suporte e ajuda no crescimento do outro. É possível perceber que, desta maneira, os aplausos e o chocolate, nesse caso, são bem-vindos como uma forma de valorização por terem trabalhado juntos e não pelo erro ou acerto.

A etapa final desta atividade cooperativa consistia no processamento de grupo, ou seja, uma forma de avaliação pelos alunos da própria atividade que fizeram e da forma como desempenharam. Abaixo, são apresentados os resultados do que eles inseriram na plataforma *Mentimeter*.



Ao ler suas percepções na primeira imagem acima, é possível observar escritas como “me concentrei”, “entendi a matéria”, “quebra de expectativa”, “deu para conversar”, “dupla excepcional”, “trabalhamos bem e juntos” e “confuso”. Estes apontamentos direcionam para vieses diferentes e igualmente atendidos dentro de uma aula baseada AC: a concentração, o entender o conteúdo, o ir além da aula expositiva, a possibilidade de troca com os colegas, o gostar de uma dupla que normalmente não faria trabalho junto e, por fim, o confuso, mostrando um possível estranhamento e adaptação à mudança de formato da aula.

A atividade desenvolvida em sala com os alunos poderia ter sido feita de inúmeras maneiras mais interativas, mais tecnológicas, mais ativa, permitindo que os alunos se levantassem e circulassem pelo espaço da sala de aula, porém, foi uma atividade que se ateu aos recursos básicos possíveis: O próprio material escolar e folhas de exercícios. Este ponto que, inicialmente, incitou algum desconforto com relação à própria infinidade de possibilidades da AC, acabou por ser, depois, um aspecto pensado positivamente por reforçar como o “básico” e o “simples” podem aparecer de maneiras mais interativas e exigindo uma diversidade de sentimentos e habilidades dos alunos. Abaixo, é apresentado o segundo formato de *feedback*:



As respostas na segunda imagem fugiram um pouco ao esperado, por dois motivos: o tempo, já que ocorreu ao final da aula e os alunos já ansiavam pela aula de educação física que viria a seguir e a dificuldade com o aplicativo, já que ele já veio com três informações para os alunos, inseridas pela professora: o que foi positivo, o que não gostaram e o que poderiam melhorar. A ideia era que os alunos clicassem em cada uma dessas abas e fossem adicionando suas percepções, mas eles acabaram criando novas abas, o que deixou as ideias na tela, mas sem pertencerem a uma aba específica. Esta questão não afetou o resultado final, apesar da pouca organização, mas é possível ler que foram reforçadas ideias apresentadas na nuvem de palavras, porém com espaço para maior descrição.

Ao perceber que os próprios alunos apontaram percepções a respeito de autoanálise em relação ao conteúdo que precisam se aprofundar e citarem ainda a socialização entre alunos que não se relacionam muito, alcançamos objetivos relativos à AC no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, mostrando assim ganhos para os estudantes e ainda em relação às interações sociais e experiências vividas em sala de aula, reafirmando este espaço como um espaço criado pelas próprias práticas sociais intrínsecas a ele. Esta metodologia de ensino pode ser muito útil em realidades onde se presenciam bullying e dificuldades de convivência entre os alunos. Como já dito anteriormente, não era o caso desta turma, tendo em vista que não são alunos com dificuldades de interação entre si, mas considerando que eles costumam usuários ativos do celular e ainda há aqueles que costumam dormir nas aulas dos primeiros tempos (como era essa), foi de grande valor para esta pesquisa e experiência ver que nenhum aluno usou o celular para outra finalidade que não fosse o cronômetro e os mais dispersos também conseguiram manter o foco necessário para a conclusão da atividade proposta.

Assim, entende-se que os objetivos foram bem atingidos diante de uma atividade que precisou ser adaptada perante a pandemia e até pensando nas exigências comuns em escolas privadas no que se refere ao uso do material didático. Foco, atenção, concentração, diálogo, participação, respeito e autoanálise foram palavras comuns ditas pelos alunos ao final da atividade e finalizamos essa discussão retomando ideias escritas anteriormente, em que não são necessários recursos caros e ideias mirabolantes para que as aulas se tornem mais integrativas, cooperativas, dialógicas e envolventes no ambiente escolar. Os elementos da metodologia baseada em Aprendizagem Cooperativa são pertinentes a inúmeras possibilidades de trabalho, inclusive dentro da própria sala de aula, começando pela disposição do mobiliário, dos alunos e terminando pelo olhar afetuosos ao outro, ao seu colega, ao professor e à própria disciplina que se objetiva aprender.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A metodologia de ensino baseada em Aprendizagem Cooperativa oferece inúmeras possibilidades para aquisição de conhecimento e desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais tão pertinentes e intrínsecas ao espaço escolar. Diante de tantos novos recursos tecnológicos que vão surgindo, em muitos discursos, como solução para os problemas da educação tradicional, foi objetivo deste artigo dar luz às potencialidades dos próprios alunos, no modelo tradicional, dentro da sala de aula, a partir dos elementos essenciais da AC.

Diante das discussões geográficas referentes ao próprio conceito de espaço, chama a atenção as contribuições do conceito de espaço relacional (em contraposição ao espaço absoluto) proposto por David Harvey, em que são valorizados os processos sociais que formam o próprio espaço, fugindo da ideia de que este é puramente o palco destas relações. Adiciona-se a esta primeira discussão as reflexões trazidas pela Geografia da Educação ao pensar a espacialização dos fenômenos educacionais, incluindo a organização da sala de aula, que é aqui nosso ponto de atenção.

A AC, ao considerar transformações de cunho social, emocional e até mesmo psicológico nos estudantes tem como um importante fator de organização a disposição dos alunos em pequenos grupos sentados de maneira a conseguir o contato olho no olho, logo, de frente uns para os outros, contribuindo para uma visão linear e não hierarquizada entre os envolvidos. Assim, esta maneira de organização estimula novos olhares e novos comportamentos de alunos que, quando enfileirados em direção à lousa, sentem-se muito confortáveis diante da passividade proposta por modelos tradicionais de organização na sala de aula.

Os elementos essenciais para que se alcance uma aprendizagem significativa diante de um ambiente cooperativo (responsabilidade individual, interdependência positiva, competências sociais, interação promotora e processamento de grupo) podem aparecer das mais variadas maneiras, sempre considerando a diversidade e as características dos alunos e das escolas, entendendo que esta é a base para os relacionamentos entre os indivíduos envolvidos e para as atividades a serem desenvolvidas com a mediação do professor. Apesar de todas as possíveis contribuições de aplicativos, programas, sites, jogos e ferramentas tecnológicas existentes, em geral, a criação de um ambiente cooperativo não pressupõe a necessidade destes recursos. A partir da atividade prática desenvolvida em uma turma de nono ano foi possível alcançar algumas reflexões e análises pertinentes para futuras atividades. Destaca-se aqui o quão importante é a organização prévia, não só da atividade, mas também da sala de aula e da estrutura que se pretende montar, sendo igualmente fundamental que, antes de toda e qualquer prática, os alunos estejam completamente cientes de todo o processo envolvido, com começo, meio e fim bem delimitados.

No decorrer da atividade proposta foi muito positivo perceber o quanto ela foi promotora de maior atenção e engajamento para alunos que, em geral, pelos mais diversos motivos, se destacam por comportamentos que se desviam da proposta principal das aulas, seja dormindo, seja tentando usar o celular para atividades não pedagógicas, algo bem comum nas salas de aula atuais. Nesse sentido, ficou o questionamento a respeito do que se quer falar quando define-se um aluno como “desinteressado”, já que este pode estar passando por inúmeros problemas pessoais que o fazem “desligar” de uma aula expositiva, mas uma aula cooperativa pode “ligá-lo”, retirando-o por algumas horas, dos problemas pessoais.

Cabe ainda ressaltar um dos traços mais potentes desta metodologia: a voz dada aos estudantes. Ao vivenciarem, em dois tempos de aula, a possibilidade de serem agentes ativos de seu próprio processo de aprendizagem através do diálogo com alguém que está ali, frente a frente, esperando para te ouvir, é algo único e muito fortalecedor dos laços e da autonomia possíveis em uma sala de aula. Da mesma forma, depara-se hoje com estudantes que são culturalmente digitais e não se trata aqui de usar aplicativos como solução para a monotonia de uma aula, mas passar a usar algo que se relaciona diretamente com aquilo que os alunos e alunas já fazem cotidianamente. Ao disponibilizar um *QR code* e pedir suas percepções o aluno se sente como parte importante daquela aula, que é uma construção conjunta e se sente, ainda, livre para responder ou não, apontar ou não suas opiniões, inclusive aquelas que, possivelmente, ele não diria diretamente ao professor, mas que podem ser importantes para maiores avanços na construção de aula.

Por fim, refletindo a respeito do que é central neste trabalho, ou seja, analisar como a organização da sala de aula, a partir da Geografia da Educação, contribui para a metodologia de ensino baseada em Aprendizagem Cooperativa, entende-se a importância de compreender e explorar a geograficidade da própria sala de aula e dos espaços escolares enquanto espaços hábeis para a produção de conhecimento cuja transformação, disposição de mobiliário e dos estudantes em pares e grupos menores abre um leque de possibilidades para as práticas pedagógicas, especialmente a Aprendizagem Cooperativa, contribuindo e contando com as contribuições da Geografia da Educação. Entendendo o espaço e processo de ensino-aprendizagem como produto e produção de práticas sociais, observa-se aqui uma metodologia de ensino com forte potencial para transformações no modelo tradicional de ensino, sabendo de suas limitações, mas contando com a riqueza da criatividade e potencial transformador inerente a cada educador(a).

**ANEXOS****ANEXO 1 – CONTRATO DE COOPERAÇÃO*****CONTRATO DE COOPERAÇÃO*****1. PARA O BOM DESEMPENHO DO TRABALHO:**

A)

B)

C)

D)

**2. PARA O BOM RELACIONAMENTO ENTRE OS PARTICIPANTES:**

A)

B)

C)

D)

**FUNÇÕES:**

COORDENADOR E GUARDIÃO DO SILÊNCIO: \_\_\_\_\_

GUARDIÃO DO TEMPO E RELATOR: \_\_\_\_\_

**ASSINATURAS:**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## ANEXO 2 – ATIVIDADE PROPOSTA COMO META COLETIVA

### **META COLETIVA**

**ESTA META COLETIVA DEVERÁ SER CONSTRUÍDA PELA EQUIPE DE FORMA COLABORATIVA. CADA UM DEVE DAR O SEU MELHOR PARA JUNTOS ALCANÇARMOS OS NOSSOS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM.**

**RELACIONE CADA NÚMERO ABAIXO ÀS INFORMAÇÕES CORRESPONDENTES:**

**(1) CONCEITO DE GLOBALIZAÇÃO**

**(2) FATORES QUE PERMITEM A OCORRÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO**

**(3) CONSEQUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO**

|

**( ) MAIOR ACELERAÇÃO DOS FLUXOS MATERIAIS E IMATERIAIS**

**( ) TERCEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL**

**( ) AVANÇO DOS MEIOS DE TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO**

**( ) APROFUNDAMENTO DAS DESIGUALDADES**

**( ) EXPANSÃO DA AÇÃO DE MULTINACIONAIS**

**( ) PRECARIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO**

**( ) MAIOR INTERCONEXÃO EM ESCALA GLOBAL**

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Morais, Alessandra de; Marques Barbosa, Laís (Org.); Unger Raphael Bataglia, Patrícia (Org.); Lopes de Moraes, Mariana (Org.). Aprendizagem Cooperativa: fundamentos, pesquisas e experiências educacionais brasileiras. 1. ed. Faculdade de Filosofia e Ciências, 2021. 382p.

FARDO, M. L. . A gamificação aplicada em ambientes de aprendizagem. RENOTE. Revista Novas Tecnologias na Educação , v. 11, p. 1, 2013. 1. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/41629> Acesso em 10/01/2022.

FIRMIANO, E.P.; Aprendizagem Cooperativa na sala de aula. Programa de Educação em Células Cooperativas – PRECE. 2011.

Fonseca, T.B.; A inserção das metodologias ativas em práticas pedagógicas da geografia no ensino fundamental II: alguns pontos para reflexão. 2021.

GOMES, M. V.; SERRA, E. . Por que falar sobre geografia da educação?. Giramundo – Revista de Geografia do Colégio Pedro II, v. 6, p. 7, 2020.

GOMES, M. V.. Resenha do livro Geography of Education. Giramundo – Revista de Geografia do Colégio Pedro II, v. 6, p. 149, 2020.

Harvey, D. Space as a keyword. In: CASTREE, N.; GREGORY, D. (org.). David Harvey: a critical reader. Malden e Oxford: Blackwell. Tradução livre: Letícia Gianella. Texto publicado no v.14, edição de nº28 (2012) da revista GEOgraphia (do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal Fluminense) e cedido para esta edição da Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/18625/13595> Acesso em 10/01/2022.

Marques, R. POR UMA PERSPECTIVA ESPACIAL DA ESCOLA. Revista Brasileira De Educação Em Geografia, 3(5), 05–20, 2013. Recuperado de <https://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/129> Acesso em 10/01/2022.

PINHEIRO, Marlene; BATISTA, Eraldo. O aluno no centro da aprendizagem: Uma discussão a partir de Carl Rogers. Revista Psicologia e Saberes, v.7, n.8, p.70-84 (2018). Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/issue/view/46> Acesso em 10/01/2022

RIBLER, Georg, BOSSEN, Andrea and BLASSE, Nina. School as space: spatial alterations, teaching, social motives, and practices. Studia paedagogica, v. 19, n. 4, 2014. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/272367750\\_School\\_as\\_Space\\_Spatial\\_Alterations\\_Teaching\\_Social\\_Motives\\_and\\_Practices/link/5e26ea234585158dfe672a88/download](https://www.researchgate.net/publication/272367750_School_as_Space_Spatial_Alterations_Teaching_Social_Motives_and_Practices/link/5e26ea234585158dfe672a88/download) Acesso em 11/01/2022.

SERRA, Enio; ROCHA, Ana Angelita; MARQUES, Roberto. O olhar geográfico sobre a escola: uma ação pedagógica na formação inicial do professor de geografia, 2019. Disponível em: [http://200.145.6.217/proceedings\\_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/6532.pdf](http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/6532.pdf) Acesso em 10/01/2022.

TEIXEIRA, M T.; REIS, Maria Filomena. A organização do espaço em sala de aula e as suas implicações na Aprendizagem Cooperativa. Meta:Avaliação,v.4, n.11, p.162-187, mai./ago. 2012. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/138>